



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA

Ivan Vale de Sousa

RESUMO: Este estudo estabelece algumas questões sobre a prática do planejamento e do plano de aula na escola, partindo das seguintes finalidades: discutir a relevância e a necessidade do planejamento nas propostas de ensino; refletir os modos como o planejamento pedagógico pode ser flexível; abordar como o plano de aula interioriza-se no planejamento e demonstrar a necessidade de realização do planejamento e do plano de aula nas experiências pedagógicas. Assim, estas reflexões partem de uma proposta discursiva em que o professor representa o protagonista na dimensão metodológica.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento. Plano de aula. Professor. Propostas de ensino.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As propostas metodológicas não se realizam sem um plano de direcionamento das ações e estratégias de valorização dos saberes nos contextos de ensino. Entender como as implicações pedagógicas conferem às atitudes docentes, ao trabalho de ensino-aprendizagem a elaboração de novos saberes e a complementação de outras variantes de

reformulação do conhecimento são questões que reafirmam a necessidade de planejar.

Como já se tornou trivial, a gênese de todo processo de planejamento principia a compreensão e discussão de um olhar diagnóstico, isto é, considerar a realidade e as situações-problema que estruturam as experiências e as intervenções de aprendizagem. Partir do contexto social e das necessidades cognitivas dos sujeitos significa compreender que todos os indivíduos inseridos no processo de formulação do conhecimento apresentam diferentes níveis de saberes e desenvolvem formas diferentes de acessar a informação na sistematização das práticas de sala de aula.

Propor a mobilização de saberes na escola requer, ao mesmo tempo, considerar as funções teórico-estratégico-metodológicas do significado do planejamento na instituição de ensino. Se por um lado a ação de planejar faz parte da vida em sociedade, por outro, no contexto escolar essa atitude se torna mais necessária, sobretudo, na reverberação das políticas de promoção das múltiplas aprendizagens.

Nesse sentido, esclarece-se que *planejamento* e *plano de aula* não representam as mesmas ferramentas pedagógicas. Este

simboliza as estratégias particularizadas capazes de direcionar as ações docentes na readequação aos níveis de aprendizagem, enquanto aquele representa um processo constante, amplo e com características globalizadas.

Sendo assim, diagnosticar a realidade de aprendizagem e as situações-problema levantadas significa direcionar a elaboração do planejamento na função de esmiuçar as etapas de aprendizagem, isto é, propor o que necessita ser realizado e refeito, pois as funcionalidades do planejamento e do plano de aula inserem-se nas implicações pedagógicas com fins de promover nas propostas de ensino a mobilização de novos saberes.

PLANEJAMENTO: SUJEITOS, AÇÕES E CONTEXTOS

O ato de planejar é inerente à função do sujeito na sociedade. Planejar nos possibilita pensar no que pretendemos dizer, como dizer, quais os caminhos que devem ser percorridos para atingir os propósitos comunicacionais em determinados contextos e situações.

Quando planejamos as nossas ações, de certo modo, visualizamos os possíveis resultados ou as implicações negativas ou positivas na ação de planejar. Sendo assim, na função principiadora de planejar há o envolvimento de sujeitos na realização de ações capazes de atender e atingir os nossos interlocutores, já que a necessidade de planejar se insere também na carência cidadã dos indivíduos e no atendimento aos determinados contextos, situações e finalidades.

Considerando a trilogia *sujeitos, ações e contextos* a atitude de planejar faz parte da atuação humana, por exemplo, para citar apenas algumas das situações em que o planejamento é necessário, elenco, abaixo, algumas atitudes e contextos em que o planejamento se mostra, embora haja outras e inúmeras situacionalidades em que o ato de planejar se mostre preciso e urgente.

- Quando duas pessoas resolvem se casar há todo um processo de preparação, da elaboração da lista de convidados, do local em que a cerimônia se realizará e da escolha de local para morar, entre outras questões.
- Quando um casal decide o momento de gerar o primeiro filho, há um processo de planejamento; análise das condições financeiras e das questões de saúde, perpassando pela organização das roupinhas, da decoração do quarto e dos demais elementos mobiliários, além de um acompanhamento com um profissional da saúde.
- Quando vamos ao supermercado realizar a compra mensal há todo um planejamento em que são listados os elementos e os produtos de limpeza que faltam em casa.
- Quando vamos viajar, o planejamento também se mostra necessário, como: o que vamos precisar na viagem, o que vamos gastar; qual a melhor época de utilização das férias e quais as justificativas pensadas.

- Quando conversamos com alguém, de certo modo, a nossa conversa passa por um processo de planejamento, pois se assim não o fizermos, ao invés de convencer, somos convencidos que o melhor caminho a ser seguido aquele apresentado por nosso interlocutor.

Em um contexto geral, toda proposta de planejamento parte do conhecimento da realidade em que as ações pretendem ser desenvolvidas. Conhecer o contexto, as necessidades dos sujeitos, as potencialidades e as limitações representa a semente fértil para a eficiência de planejamento.

Planejar não significa apenas elaborar propostas para atender algumas necessidades, mas também para potencializar as habilidades dos sujeitos, por isso que a ação de planejar à luz da dimensão pedagógica inclui-se na dualidade propositiva entre atender os que não conseguiram atingir as finalidades para o contexto de experiência da aprendizagem na complementação dos saberes que estão além dos propósitos esperados.

Nesse contexto de transformações, a sala de aula representa o local de mudanças em que as propostas de planejamento estejam adequadas às necessidades dos sujeitos. Embora não seja uma tarefa fácil, um planejamento funcional é capaz de atender à dinâmica da sala de aula. Sendo assim, as atitudes que movem a ação de planejar partem das concepções de letramentos sociais e escolarizados que os sujeitos trazem para o ambiente escolar, dinamizando e diversificando as propostas de ensino-aprendizagem.

Essas propostas de ensinar e produzir conhecimentos estão inseridas nas ações de uma política de ensino, intitulada *ensinagem*, sendo, pois, a junção do ato de *ensinar* o que precisa ser promovido e da receptividade da *aprendizagem* que cada sujeito se inter-relaciona com as sequências e as estratégias de aula na estruturação do conhecimento. Isto é, partir das propostas simples às concepções complexas denota que a função de planejar deva ser uma atitude flexível.

Aproximar os três elementos (sujeito, ação e contexto) na ação de planejar implica considerar que há a necessidade de destacar os conhecimentos a serem estabelecidos e os sujeitos envolvidos no processo. O professor, nesse sentido, sempre será aquele que orientará as aprendizagens, que mediará o conhecimento e mobilizará os saberes na elaboração das práticas cidadãs na sala de aula, pois a “organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção” (SAVIANI, 2010, p. 382).

O planejamento na ótica educacional, quase sempre, tem sido pensado apenas no desenvolvimento das capacidades de letramentos nas mais variadas áreas do currículo pedagógico e, muitas vezes, tem-se omitido a função social e de exercício das práticas cidadãs no trabalho que se realiza na escola. Além da função de ensinar, outras obrigações têm respingado no papel do professor como agente capaz de flexibilizar as etapas de formação da identidade dos sujeitos, dos conhecimentos escolarizados e das mudanças sociais que rediscutem a função transformadora da

instituição escolar.

Os objetivos inseridos no planejamento como documento flexível para uma periodicidade do trabalho pedagógico não devem representar uma coletânea de finalidades, assim como o planejamento não pode ser realizado apenas como uma obrigação docente. Se assim forem pensados os objetivos na elaboração do planejamento, de certo modo, pode-se dizer que planejar é apenas repetir a mesma coisa no ensino.

Quando a ação de planejar é propiciada mediante as reais necessidades dos sujeitos com a finalidade de transformar as realidades nas quais estão inseridos, subjaz-se compreender que as atitudes de planejar são questões necessárias. Necessidade de atender a todos, necessidade de reafirmar e garantir que a escola é, de fato, o lugar de todos e para todos, lugar de aprenderem juntos conforme as especialidades de cada um.

Na sala de aula, há inúmeras situações-problema em que o planejamento pode tomar formas e direcionar as ações e as atitudes do professor e de toda a gestão da escola. Quando as situações problemáticas são rediscutidas pela instituição, o professor encontra os aportes necessários para possibilitar e discutir como as implicações pedagógicas podem atender às necessidades dos indivíduos.

A finalidade de todo processo de planejamento é compreender como os resultados de aprendizagens são vistos, além de inserir-se na continuidade do plano curricular, representa também o momento de avaliar o que foi possível fazer, traçar novos caminhos, adequar propostas e, sobretudo, tornar a sala de aula um local de possibilidades.

O ato de planejar por si só já desenvolve habilidades e competências. Embora para alguns, o planejamento se torna enfadonho, para outros clarifica algumas situações obscurecidas pelo cotidiano das práticas escolares. Sendo assim, o momento do planejamento simboliza também a oportunidade de rediscutir, pesquisar e estudar, porque ninguém constrói conhecimentos no vazio, nossa forma de adquirir e promover saberes insere-se em outras experiências didáticas e de vida, por isso, ao coordenador pedagógico e ao professor competem igualmente a função de pesquisador das etapas do saber.

Considerar as experiências pessoais significa readequar “velhas práticas” no plano clarificador das ideias-chave do que se pretende desenvolver na elaboração das múltiplas aprendizagens. Não adianta e nem produz efeitos no ensino apenas elencar inúmeros objetivos no planejamento se durante a ação metodológica os sujeitos não desenvolverem nenhum dos propósitos inseridos no contexto das oficinas na sala de aula.

A função participativa do professor na receptividade dos alunos e de suas experiências postula a flexibilização no planejamento das aulas, no envolvimento dos sujeitos com as propostas curriculares como “princípio da subsidiariedade” em que se faça “parte integrante da concepção de um planejamento com participação, aplicando-

se tanto a nível macro quanto a nível micro” (SILVA; FONSECA; NASCIMENTO, 1995, p. 90).

Tenho visto, incansavelmente, que a cada nova gestão, sobretudo no contexto político municipal que ‘novas propostas’ são apresentadas aos professores, quase sempre como questões de modismo, baseando-se em argumentos que, muitas vezes, fogem à realidade do sujeito *ensinante* e do indivíduo *aprendente*. Reformulo a minha crítica da seguinte maneira: enquanto não deixarmos a questão de modismo e atendermos de fato a necessidade de aprendizagem do aluno, as propostas pedagógicas não passarão de um discurso que apenas reproduz o que já fora dito.

Precisamos e, urgentemente, pensar que toda proposta metodológica precisa considerar a contextualização de provocação dos saberes. Discutir estratégias é muito bom, mas, reavaliá-las de maneira que elas realmente funcionem são outras questões que, muitas vezes, nos mantêm distantes da realidade do alunado, das carências linguísticas dos sujeitos, das capacidades de linguagens, dos contextos sociais e das intervenções pedagógicas. O planejamento representa o espaço para debater o que está dando certo, de que maneira as ponderações devem ser reverberadas na elaboração de novos conhecimentos e, principalmente, na garantia do exercício da cidadania.

Os sujeitos envolvidos na ação de planejar têm a oportunidade de rediscutir novas propostas, avaliar os percursos e potencializar as aprendizagens dos sujeitos. Nesse sentido, o planejamento não se insere apenas na satisfação burocrática da instituição ou pelo arquivamento do coordenador pedagógico na pasta do professor, entretanto, a ação de planejar amplia as atitudes dinâmicas, flexíveis e possíveis de contínua refacção, visto que todo e qualquer processo de planejamento visa orientar e, conseqüentemente, melhorar as aprendizagens.

A cada novo planejamento, novas oportunidades de aprendizagem são clarificadas, reveladas e visibilizadas na necessidade do aluno. As questões-problema representam as molas mestras da grande engrenagem no ensino, porque são capazes de mobilizar saberes e descortinar horizontes.

Planejar significa realizar um processo de precisão das direções a serem tomadas, na mobilização dos saberes e na democratização inclusiva do conhecimento. Em outras palavras, planejar onde estamos, como estamos, de onde devemos partir e aonde pretendemos chegar com nossas intervenções.

PLANEJAMENTO E PLANO DE AULA: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS NECESSÁRIAS

As implicações pedagógicas voltadas à ação de planejar inserem-se em um processo de produção e flexibilização do conhecimento com as finalidades de atenderem às determinadas demandas educativas e sociais. Sendo assim, planejamos,

continuamente, como proposição necessária para atingir determinados objetivos e, principalmente de inserir os sujeitos de maneira igualitária nas propostas de ensino-aprendizagem.

O planejamento possibilita ao docente um autocontrole do assunto a ser estudado na dinâmica da sala de aula, pois, se a função do planejamento é estruturar as propostas de ensino na mobilização do conhecimento significa também destacar o que realmente funciona no processo de aprendizagem e o que de fato carece de ser reverberado. Por conseguinte, o “processo de planejamento, bem como seus desdobramentos em elaborar, vivenciar, acompanhar e avaliar planos, é o próprio espaço da prática do educador” (FUSARI, 1998, p. 52).

Entre as muitas funções do planejamento nas práticas escolares encontram-se as funcionalidades de revisitar os dinâmicos eventos que ocorrem em sala de aula e como os sujeitos respondem às questões que lhes são propostas no fazer pedagógico. De modo igual, planejar significa compreender as múltiplas realidades, adequando as intervenções aos contextos multifacetados da instituição escolar e de seus agentes na mobilização de práticas equiparadas de aprendizagem.

O ato de pensar o processo de ensino-aprendizagem insere-se nas funções de *planejar, mediar, avaliar e suplementar* o que se ensina. É nesse quarteto de ideais que o planejamento na escola está incluído, porque a finalidade da ação de planejar representa uma bússola capaz de guiar ambos os sujeitos inseridos no processo de ensino e aprendizagem.

Os atores *professor e aluno* movem saberes, constroem possibilidades, testam ações e realizam oficinas pedagógicas já que a ação de planejar tem como gênese uma situação-problema na elaboração de procedimentos e intervenções capazes de lançar luzes ao contexto selecionado. Planejar, nesse sentido, é prever a realização de ações capazes de aproximar os sujeitos das propostas e abordagens de ensino.

Nas implicações pedagógicas há que ser entendido a diferença entre *planejamento* e *plano de aula*. O planejamento representa uma ação capaz de globalizar outras e novas ações metodológicas, ou seja, é um processo mais amplo, enquanto que o plano de aula se insere em um contexto particularizado de intervenção pedagógica. Além disso, o plano de aula representa o conjunto de ações elaboradas para a mobilização das aprendizagens e habilidades à luz de um determinado assunto.

Planejamento e plano de aula apesar de apresentarem suas diferenças são, ao mesmo tempo, proposições integrais, porque partem de uma realidade com a finalidade de melhorá-la. Enquanto o planejamento desnuda ao propositor o contexto geral a ser interferido, o plano de aula esmiúça cada uma das etapas, ações, atividades e procedimentos a serem utilizados no atendimento à demanda selecionada.

Inserido em um contexto amplo, o planejamento traz as diretrizes para a realização contextual do plano de aula. Nesse sentido, ratificando a diferença entre *planejamento* e *plano de aula*, entende-se o “planejamento, enquanto processo, é permanente. O plano, quanto produto, é provisório” (VASCONCELOS, 2010, p. 80).

Compreender o plano global e as situações-problema de cada esfera particularizada como possibilidade de realização ao processo metodológico e de elaboração do planejamento, pressupõe-se ampliar as ferramentas e métodos de ensino nas implicações pedagógicas e no trabalho com as práticas de ensino.

A função do planejamento insere-se na realização diagnóstica da situação de ensino às ações mediadoras, avaliativas e suplementares das intervenções metodológicas na elaboração de novos conhecimentos. Sendo assim, com a função de integralizar o entendimento entre *planejamento* e *plano de aula*, elaboro e apresento imagem abaixo como esboço da reflexão.

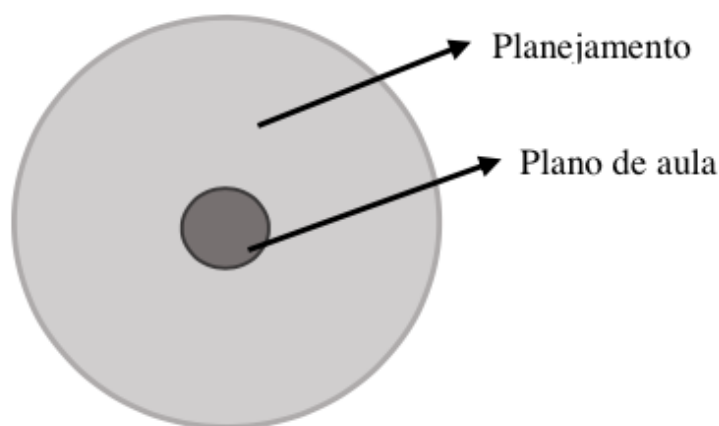


Figura 1: PLANEJAMENTO E PLANO DE AULA

Inserido no contexto global, o plano de aula apresenta as implicações pedagógicas que, ao mesmo tempo, retoma ao processo de planejamento com ação de curto, médio e longo prazo. Nem sempre as intervenções de ensino propostas para determinados períodos bimestrais são capazes de mobilizar saberes conforme os que eram esperados pelos professores. Entender como um processo está inserido no outro significa transitar nos contextos de elaboração das experiências de aprendizagem.

O direcionamento da ação de planejar implica da utilização correta e gestão de tempo para cada proposta de ensino, para cada dinâmica de aprendizagem, já que planejar é inerente à atuação humana. Sendo assim, a ação de “planejar é uma realidade que acompanhou a trajetória da humanidade. O homem sempre sonhou, pensou e imaginou algo na sua vida” (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 1992, p. 15).

Ao propor a ação de planejar e suas implicações pedagógicas nas propostas de ensino, os sujeitos são incentivados a pensarem na realidade que está sendo discutida com todos os profissionais das diferentes áreas que compõem o currículo escolar. Nesse sentido, não compete apenas aos mediadores pensarem em estratégias e elencarem as problemáticas, mas, compreenderem de que ponto as intervenções partirão com a finalidade de atender às necessidades de aprendizagem do alunado.

O planejamento traz, de certo modo, as inquietações no processo de ensino-aprendizagem porque possibilita a ampliação do pensamento e atribui a toda a

instituição a obrigatoriedade de que a ação educadora não seja apenas função do professor, mas também responsabilidade da gestão e da coordenação escolar, em que enxergam nos momentos de planejamento a oportunidade para se pensar o trabalho metodológico de maneira conjunta, oferecendo o apoio necessário à mediação do professor e, sobretudo, dando-lhe a liberdade precisa para realizar a prática de ensino.

Não há como negar que a ação de planejar faz parte da profissão do professor. Muitas são as realidades encontradas na sala de aula e quando não há um planejamento flexível e dialógico, aberto a mudanças e readaptações, o trabalho metodológico docente não atinge as finalidades propostas para cada ano/ciclo. De modo enfático, planejar é uma obrigatoriedade de toda a instituição escolar, desde a gestão à formulação de conceitos pelos sujeitos.

A proposta de alcançar determinados objetivos está inserida na ação de planejar. Além disso, uma questão que merece atenção é sobre o que realmente os alunos precisam aprender e desenvolver no período de aprendizagem, considerando a realidade na qual estão inseridos, por não é aconselhável “amarrotar” o plano de aula com inúmeros objetivos que não serão atendidos.

É preciso ter-se em mente o que se espera realmente que o aluno desenvolva em determinado plano de mediação pedagógica para partir a questões outras. Nessa concepção, entendemos que “planejar é a atividade em que se projetam fins e se estabelecem os meios para chegar até eles” (BRASIL, 2006, p. 6).

O que deve mover a ação de planejar são os observáveis presentes nos diferentes contextos de produção do conhecimento. Compreender como tais implicações inserem-se nas intervenções pedagógicas constituem-se desafios para todos os agentes formadores da instituição escolar, visto que o planejamento à luz da prática dialógica representa um “orientador de todo o processo educativo, pois constitui e determina todos os recursos e meios necessários para atingir as grandes finalidades da educação” (RODRIGUES, 2012, p. 1).

O exercício de *planejamento e plano de aula* nas práticas pedagógicas só têm sentido se partirem da realidade diagnóstica da sala de aula, compreendendo as reais necessidades dos alunos e as dimensões metodológicas que devem ser reestruturadas na politização dos saberes mobilizados na dinâmica escolar. De certo modo, planejar não deve ser entendido como *mesmice*, porque se insere na dinamicidade da sala de aula e das necessidades dos sujeitos e o exercício da sala de aula refaz cotidianamente o saber.

Entre as muitas vantagens do planejamento estão: organizar e executar as aulas, tornar o processo de avaliação flexível às demandas, possibilitar que um mesmo sistema de ensino trabalhe com atividades e estratégias semelhantes, promover a criticidade e o conhecimento das situações-problema inerentes em cada sala de aula e possibilitar o exercício da cidadania, de acesso e garantia dos procedimentos atitudinais, cognitivos e críticos dos sujeitos.

Além dessas vantagens possibilitadas pela ação de planejar para melhor

atendimento de todos, a noção de planejamento insere-se na proposta de avaliação capaz de mediar o que o aluno já sabe, o que precisa aprender e apresentar os caminhos necessários para o desenvolvimento das habilidades projetadas na trajetória da aprendizagem, visto que “as situações-problema que direcionam o trabalho à luz da avaliação escolar são entendidas como inquietações no momento de elaboração do planejamento docente” (SOUSA, 2017, p. 4).

Oferecer oportunidades à luz da igualdade é função do planejamento, embora que as atividades realizadas em sala de aula sejam as mesmas, considerando as diferentes etapas de letramento, mas o conteúdo é o mesmo adaptado aos níveis de escolarização, por isso a prática de planejamento se torna necessária na perspectiva de oportunizar o que carece de ser construído mediante as implicações metodológicas escolares. Planejar é refazer o caminho continuamente para que os sujeitos possam trilhar com segurança no acesso aos múltiplos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se planejar significa estruturar as intervenções de aprendizagens às necessidades dos sujeitos, planejar é também diversificar as atividades, propor momentos de discussão entre professores, coordenação e gestão escolar. A justificativa de planejar continuamente insere-se na ação de mobilizar saberes, adequando as atitudes aos ritmos de desenvolvimento das habilidades discentes.

Quando o planejamento é visto como oportunidade de tornar acessível a mediação do professor, os resultados esperados na produção das aprendizagens potencializam o que os alunos já sabem, mas também o que necessitam aprender mediante a estruturação das intervenções que se realizam no contexto da sala de aula.

O *planejamento* entendido como procedimento é contínuo e o *plano de aula* compreendido como produto é transitório. Ao organizar as estratégias de ensino mediante a ação de pesquisar, dialogar e produzir conhecimentos via função da arte de planejar, todos os alunos com caminhos e histórias diferentes encontram na escola e sua pedagogia as iguais oportunidades.

Planejar, por fim, é uma necessidade pedagógica porque estrutura o que precisa ser revelado, promove a participação do aluno na constituição do conhecimento e enriquece a experiência e a realidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Trabalhando com Educação de Jovens e Adultos: avaliação e planejamento.** (Caderno 4). Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno4.pdf. Acesso em: 02 mar. 2018.

FUSARI, José Cerchi. O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de

respostas. In: **Série Ideias**. São Paulo, n. 8, p. 44-53, 1998. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideais_08_p044-053_c.pdf. Acesso em: 02 mar. 2018.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza M. **Por que planejar? Como planejar?** Petrópolis: Vozes, 1992.

RODRIGUES, Monize. **A importância do planejamento pedagógico**. 2012. Disponível em: <http://petpedagogia.blogspot.com.br/2012/11/a-importancia-do-planejamento->

pedagogico.html#sthash.ZAndgy6V.dpuf. Acesso em: 02 mar. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SILVA, Jair Militão; FONSECA, João Pedro; NASCIMENTO, Francisco João. Planejamento educacional participativo. In: **Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 79-112, jan./jun. 1995. Disponível em: www.revistas.usp.br. Acesso em: 04 mar. 2018.

SOUSA, Ivan Vale de. Avaliação na Educação Inclusiva: aproximações e distanciamentos. In: **IV Congresso Paraense de Educação Especial**. Marabá: UNIFESSPA, 18 a 20 de outubro de 2017. Disponível em: <https://cpee.unifesspa.edu.br>. Acesso em: 02 mar. 2018.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**. 20ª ed. São Paulo: Libertad, 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

